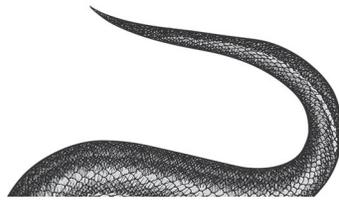


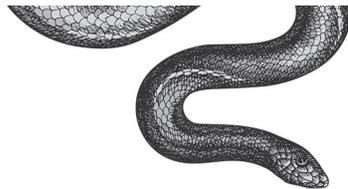
tão perto  
série lírios negros, livro 1  
sylvia day

Tradução de Sónia Maia



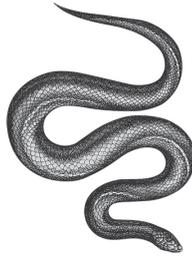
«Não existem factos, apenas interpretações.»

FRIEDRICH NIETZSCHE





1



W I T T E

**M**anhattan brilha na vasta noite que envolve, lá em baixo, a torre encimada por aquele apartamento no último andar. As nuvens humedecem as janelas de parede inteira, alternando entre obscurecer e revelar a extensão tenebrosa do Central Park e da sua represa, mais abaixo. A torre estala ao oscilar levemente sob as rajadas do vento noturno, mas esse som lamentoso é abafado pela música e pelo mar de conversas.

Dentro das paredes de vidro, a tensão fervilha. O ar está carregado de uma eletricidade perigosa, o resultado inevitável de fechar rivais num espaço neutral. Contidos pelo decoro e pelo temor de perderem a face, os adversários ressentem-se do seu confinamento, com as garras e as presas apenas temporária e relutantemente recolhidas.

O evento é uma recepção de gala em honra de uma nova linha cosmecêutica. Os convivas são as caras mais conhecidas da jovem elite de Manhattan, um grupo que abrange os demasiado belos e os demasiado ricos. Entre eles, encontram-se amizades célebres e inimigos viscerais. Só o Sr. Black conseguiria juntar um grupo tão diverso — e tão divergente — na sua casa.

Tal como peças de xadrez, os convidados escolheram as suas posições conforme melhor lhes convinha. O amigo tido como o mais antigo do Sr. Black, Ryan Landon, está de pé, na espaçosa sala de estar, do lado oposto ao do parceiro de negócios do Sr. Black, Gideon Cross; ambos perpetuam a inimizade que já existia entre os seus pais. Por muito lamentável que seja a sua discórdia, não posso deixar de admirar a pureza da antipatia que mostram abertamente um pelo outro.

Diferentemente, os principais adversários do Sr. Black — os seus meios-irmãos Ramin e Darius — sabotam-no sempre que daí podem tirar alguma vantagem. E, depois, há Amy, a esposa de Darius, a única mulher na sala que se recusa a olhar para o Sr. Black. Não lhe lança sequer uma espreitadela sub-reptícia.

Os espaços entre estes personagens-chave estão preenchidos com personalidades de *reality shows* e *influencers*, modelos e músicos. Clarões de luz refletem-se nos vestidos cintilantes e nas enormes janelas enquanto os telemóveis captam um número aparentemente interminável de *selfies* que serão partilhadas com milhões de seguidores. A maior parte das empresas paga quantias exorbitantes por esta publicidade fotográfica, mas não é o caso esta noite. Um convite para aquele último andar é uma oportunidade social única, assim como o é a proximidade de Cross e da mulher, Eva, que parecem ser o casal mais popular do mundo, a julgar pela cobertura mediática.

Deito um olhar em volta da sala, para me assegurar de que os empregados estão presentes sem serem incómodos, oferecendo canapés e bebidas e removendo os copos *Baccarat* e os pratos *Limoges* usados.

Ramos extravagantes de lírios negros decoram os tampos de prata verdadeira das mesas de madeira negra africana, acrescentando textura e excentricidade sem qualquer cor ou fragrância. A música impregna a sala, animada e atual. O cantor está presente, encostado a uma parede com o braço em volta da cintura de uma mulher e os lábios no seu maxilar. Tem os olhos fixos no Sr. Black, mas desloca-os para mim quando o *smartwatch* no meu pulso emite um sinal de háptica anunciando a chegada de mais convidados.

Desloco-me ao átrio.

Assim que a morena elegante desliza pela porta da frente sobre saltos-agulha, sei que o meu empregador a seduzirá. Ela chegou pelo braço de um cavalheiro atraente, mas isso é irrelevante. Sucumbirá; todas sucumbem.

A parecença da senhora com a falecida Sra. Black é gritante. É, indubitavelmente, o tipo dele: cabelo negro, olhos verdes ardentes, lábios carmins. Uma beldade, sim, mas uma pálida imitação da mulher imortalizada no retrato que o Sr. Black adora. Todas elas o são.

Cumprimento os dois com um aceno de cabeça e ofereço-me para pegar no agasalho dela, ficando a observar enquanto o seu atencioso acompanhante o faz em vez de mim.

— Obrigada — diz a morena, enquanto o companheiro me entrega o

seu agasalho cintilante. Ela está a falar comigo, mas o Sr. Black já lhe captou a atenção e os seus olhos estão postos nele. Apesar de se ter retirado deliberadamente para a periferia da sala, a sua altura considerável torna-o impossível de ignorar. Tem uma energia infernal, apenas contida por uma notável força de vontade. É um homem que se comporta com uma sóbria economia de movimentos, e, no entanto, transmite uma impressão de furor. Apercebo-me do esforço que a nossa nova convidada tem de fazer para desviar o olhar dele e avaliar a festa.

A irmã do Sr. Black, Rosana, encontra-se numa posição de comando, em frente das janelas. É uma beldade alta e morena, e traz um vestido azul-turquesa com contas. Os cabelos brilhantes cor de mogno envolvem-lhe os ombros, num forte contraste com o louro prateado de Eva Cross, de pé a seu lado, pequena e curvilínea, vestida de seda com elegantes matizes rosados. Eva é a coambaixadora de Rosana no novo negócio, duas mulheres muito diferentes, mas ambas adoradas pelos tabloides e pelas redes sociais.

Olho para o Sr. Black, tentando descortinar a sua reação à recém-chegada. Vejo o que esperava: um olhar concentrado. Enquanto a examina, o maxilar contrai-se-lhe. Os sinais são subtis, mas deteto a sua terrível desilusão e o resultante acesso de autorrecriação.

Por um momento, esperara que fosse ela. *Lily*. A mulher cuja beleza requintada está imortalizada numa única imagem pendurada nos seus aposentos privados, mas cuja importância profunda assombra esta casa, assim como o homem que nela reina. É de partir o coração que continue a procurá-la em todas as mulheres.

Lily já estava ausente da sua vida antes de eu ter entrado ao seu serviço, por isso só a conheço postumamente, mas estou numa posição em que ouço muitas coisas. Parece ser universalmente reconhecido que ela era incrivelmente encantadora, e muitos dizem que continua a ser a maior beldade que alguma vez viram. Embora o seu nome próprio sugira delicadeza e fragilidade<sup>1</sup>, é frequentemente descrita como independente, perspicaz e ousada. É lembrada como bondosa e encorajadora, divertida e profundamente interessada nos outros, uma qualidade que, a meu ver, é muito melhor do que ser interessante.

Durante algum tempo, tive apenas acesso a estas escassas impressões e opiniões, até uma noite atormentada, em que o Sr. Black estava embriagado e quase louco, já incapaz de reprimir o desgosto furioso que albergava

---

<sup>1</sup> *Lily* significa, em português, «lírio». (N. de T.)

dentro de si. Compreendi então o domínio extraordinário que ela continua a ter sobre ele; sinto-lhe o poder quando contemplo o seu enorme retrato, que impera na parede em frente à cama do marido.

No seu quarto, a imagem dela é o único ponto de cor, mas não é isso que torna o retrato tão impressionante. É a expressão nos seus olhos, febril e incisiva.

Quem quer que Lily fosse, o seu amor por Kane Black consumiu-os aos dois. Essa obsessão continua a ser, ainda hoje, o elemento mais perigoso da vida dele.

Vejo a nossa convidada mais recente circular por entre os outros, separando-se do seu acompanhante ao aproximar-se do Sr. Black. Está resplandecente como o fogo num vestido carmim, mas ela é a borboleta, e ele é a chama.

Recentemente, foi nomeado um dos homens mais *sexy* vivos. O Sr. Black tem quase 33 anos e dinheiro suficiente para poder pagar-me, sendo eu um mordomo de sétima geração de linhagem britânica, impecavelmente treinado para lidar com qualquer situação, da mais mundana a uma crise extrema. Ele é reservado e indecifrável, mas as mulheres são atraídas por ele sem pensarem sequer em proteger-se. Apesar de todos os esforços delas, ele permanece totalmente indisponível. É um viúvo que continua profunda e plenamente casado.

A sua acompanhante mais frequente, a loura elegante que paira ali perto, refulge em marfim e pérolas. É mãe dele, embora ninguém pudesse adivinhar esse parentesco se não fosse do conhecimento geral. A idade não é a única coisa que Aliyah esconde bem. A única pista para o seu caráter são as unhas, compridas e moldadas na forma amendoada da moda, parecendo garras.

Ao virar as costas ao armário dos casacos, ouço uma rolha de champagne a saltar. As flutes de cristal tilintam alegremente e a conversa flui. Uma pequena fortuna em sapatos de estilista ressoa sobre os azulejos de obsidiana do chão, de aspeto tão líquido, como espelhos cristalinos, que fazem lembrar as mais calmas águas noturnas. A residência do Sr. Black é um estudo de maximalismo: madeiras escuras, pedras naturais, couros e peles caras... tudo em tons sombrios, criando um espaço tão elegante e masculino como o seu dono.

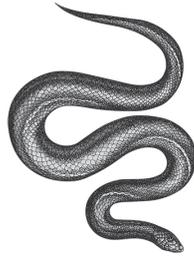
A minha filha garante-me que ele é abençoado por uma beleza invulgar e amaldiçoado por algo que ela afirma ser ainda mais atraente: um ardor melancólico e tenso. O facto de, um dia, ter amado tão profundamente

e se manter tão mergulhado no seu sofrimento pessoal exerce, por si só, um potente fascínio. A sua aura de inacessibilidade é irresistível, diz ela.

Não é um artifício. Apesar das suas várias aventuras sexuais, o Sr. Black está comprometido, no sentido mais abrangente da palavra. A recordação de Lily esvazia-o. É a casca de um homem, mas eu aprendi a amá-lo como um pai amaria um filho.

Uma mulher ri-se demasiado alto. Bebeu demais, obviamente. E não é a única a permitir-se fazê-lo. Uma flute cai da mão descuidada de alguém e parte-se, com o som desagradável e inconfundível de lascas de vidro a estilhaçarem-se.

## 2



W I T T E

— **A**companhou-a à saída, Witte?  
Na manhã seguinte, o Sr. Black entra na cozinha vestindo um fato completo da *Savile Row* e uma gravata com um nó perfeito, peças que não faziam parte do seu guarda-roupa antes da minha contratação. Ensinei-lhe os segredos do vestuário feito por medida para cavalheiros, e ele foi um excelente aluno.

O seu aspeto exterior dificilmente deixa vislumbrar o jovem rude que me contratou há seis anos, tão recentemente viúvo e paralisado pela dor que a minha principal tarefa era gerir qualquer pessoa que pretendesse abordá-lo com perguntas e condolências. Com o tempo, ele transformou a dor numa ambição desmedida. Isso — e a sua inteligência singular — recuperaram a empresa farmacêutica que o pai tornara insolvente através de um desfalque.

Contra todas as probabilidades, ele foi bem-sucedido — brilhantemente sucedido.

Viro-me e coloco o seu pequeno-almoço na ilha de tampo de mármore negro, posicionando-o perfeitamente entre os talheres previamente dispostos. Ovos, bacon, fruta fresca — os seus alimentos básicos.

— Sim, a Sra. Ferrari saiu enquanto o senhor estava no duche.

Uma sobranceira escura ergue-se.

— Ferrari? A sério?

Não me surpreende que não lhe tenha perguntado o nome, apenas me entristece. A identidade das mulheres não significa nada para ele; apenas o facto de lhe lembrarem Lily.

Nunca o vi demonstrar verdadeiro afeto a qualquer mulher senão à irmã, Rosana. É sempre cortês com as amantes. Atencioso enquanto as tenta conquistar. Mas as ligações limitam-se a uma única noite. Nunca enviou flores a uma amante, nunca se permitiu um telefonema romântico, nem convidou ou levou uma mulher a jantar. Não sei como trata uma mulher com quem esteja intimamente envolvido. É uma lacuna na minha compreensão dele que talvez nunca será preenchida.

Ele estende a mão para o café que pouso à sua frente, com a mente claramente ocupada com a agenda desse dia, a última amante já esquecida para sempre. Raramente dorme, e trabalha demasiado. Tem vincos profundos dos dois lados da boca que não deviam existir em alguém tão novo. Já o vi sorrir, e até o ouvi rir, mas a alegria nunca lhe chega aos olhos. Suporta a vida. Não a vive.

Já o instei a tirar algum tempo para apreciar tudo o que conquistou. Respondeu-me que apreciará melhor a vida quando morrer. Reunir-se a Lily é a sua única aspiração. Tudo o resto se resume a fazer tempo.

— Fez um ótimo trabalho com a festa da noite passada, Witte — diz ele, distraidamente. — Faz sempre, mas ainda assim... nunca é demais dizer que o reconheço, pois não?

— Não. Obrigado.

Deixo-o a comer e a ler o jornal do dia, e percorro um longo corredor de paredes espelhadas até à parte privada da residência, que ele não partilha com ninguém. A encantadora Sra. Ferrari passou a noite num quarto do lado oposto do apartamento, numa suíte sobriamente branca e estéril, metodicamente concebida para se distinguir do resto da casa. É um espaço de que Lily não gostaria, como se esse facto, por si só, fosse suficiente para evitar que o seu espetro observasse e soubesse.

O Sr. Black comprou o apartamento pouco depois de me contratar, enquanto a torre ainda estava em construção. Supervisionou o desenho do espaço interior em pormenor, desde o posicionamento das paredes e das portas à seleção dos materiais; e, no entanto, não posso dizer que a casa reflita o seu estilo pessoal. Cada peça de mobiliário e cada acessório foram escolhidos com o gosto da sua adorada Lily em mente. Não queria começar de novo, livre da sua recordação; queria, simplesmente, uma residência na cidade, e certificou-se de que a sua falecida esposa aí estaria presente. Há reminiscências dela por toda a parte, em quase tudo. Nessa medida, sinto que a conheço.

Elegante. Dramática. Sensual. Sombria, sempre sombria.

Paro à porta do quarto do Sr. Black, sentindo a humidade persistente do seu duche recente. As suítes dele e dela ocupam inteiramente um dos lados da residência, ambos com quartos de vestir, casas de banho com lajes de mármore a condizer e uma sala de estar partilhada.

A suíte da senhora tem vista para o Billionaire's Row e o Hudson dos pés da cama larga e macia, e para a Baixa de Manhattan à direita. Os pores do sol projetam fogo no quarto suntuosamente equipado e luxuosamente mobilado, emprestando tons quentes à decoração subaquática que eu refresco regularmente com ramos de flores exuberantes, a pedido do meu empregador. O quarto dela está sempre pronto, à espera de uma mulher que desapareceu antes de ele lhe pertencer. O seu monograma *LRB* está gravado ou bordado em quase tudo, como que para garantir a Lily que aquele espaço é só dela. As suas roupas enchem os guarda-fatos e as gavetas. A sua casa de banho privada está totalmente provisionada.

Seria de prever que aquela bela suíte estivesse ensombrada pelo eco vazio do abandono, mas há ali uma estranha energia, precursora da própria vida.

Lily permanece ali, invisível mas perceptível.

A suíte principal parece frugal, comparada com a dela. O Sr. Black dorme sobre uma plataforma fina escolhida para reduzir quaisquer distrações possíveis da imensa imagem que domina a parede em frente do local onde ele repousa a cabeça à noite. Os puxadores das gavetas estão decorados com flores-de-lis, que também se encontram bordadas nos lençóis. Nova Iorque estende-se, como uma oferenda a seus pés, para lá das janelas, mas ele posicionou a cama de modo a que a vista fique por trás dele e o retrato de Lily à sua frente. Isto é emblemático da forma como vive a sua vida: indiferente ao mundo e possuído por uma mulher que há muito partiu.

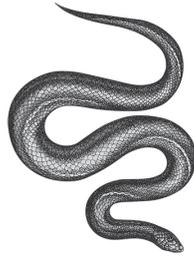
O Sr. Black termina os seus dias com Lily. O retrato dela é a última coisa que vê, e acorda olhando-a. Ao contrário do quarto dela, o dele parece um túmulo, frio e estranhamente silencioso, desprovido de animação.

Viro as costas à vista para nordeste, sobre o Central Park, e os meus olhos são atraídos pela mulher cuja perfeição imortal chama a atenção. É um retrato íntimo, realista. Uma Lily em tamanho real está reclinada sobre uma cama desfeita, com o tronco embrulhado num lençol branco e o longo cabelo negro enredado nos membros esguios. Tem os lábios inchados de beijar, as faces coradas, os olhos semicerrados de desejo e possessividade. Contra a parede cor de cinza, atrai com um canto de sereia feito de beleza, obsessão e destruição.

Mais de uma vez dei por mim a contemplá-la, enfeitiçado pela perfeição do seu rosto e pela potência da sua sensualidade. Há mulheres que prendem os homens na sua teia pelo simples facto de existirem.

Ela era tão jovem, no início da casa dos 20, mas deixava uma impressão profunda em todos os que a conheciam. E deixou o marido atormentado, destruído pela dúvida, a culpa e perguntas de partir o coração... cujas respostas levou consigo para a sua sepultura aquática.

3



W I T T E

**E**nquanto embrenho o *Range Rover* no trânsito, o Sr. Black transmite ordens telegráficas pelo telemóvel. São apenas 8h00 e ele já está mergulhado na gestão dos diversos aspetos da sua dinastia crescente.

Manhattan agita-se à nossa volta, transbordando de torrentes de carros e de pessoas que se precipitam em todas as direções. Nalguns locais, há sacos de lixo empilhados a grande altura nos passeios, esperando ser removidos. Aquela visão desagradou-me quando cheguei a Nova Iorque, mas agora faz apenas parte do quadro.

Aprendi a gostar desta cidade, tão diferente dos vales verdes e ondulados da minha terra-natal. Não há nada que não se possa encontrar aqui. A energia, a diversidade e a complexidade das pessoas de cá não têm rival.

O meu olhar projeta-se de um lado para o outro, do trânsito para os transeuntes. À nossa frente, a rua de sentido único está bloqueada por um camião de entregas. No passeio do lado esquerdo, um homem de barba maneja habilmente meia dúzia de trelas, levando um grupo de cães excitados ao seu passeio matinal. À direita, uma mãe vestida para correr empurra um carrinho de bebé aerodinâmico na direção do parque. O sol brilha, mas os arranha-céus e as árvores frondosas tapam a luz.

A demora no trânsito prolonga-se.

O Sr. Black continua os seus negócios com um à-vontade confiante, em voz calma e assertiva. Os carros começam a avançar lentamente, e depois ganham velocidade. Dirigimo-nos para a Baixa. Por um curto período,

somos abençoados com uma sucessão de sinais verdes. Depois, a nossa sorte esgota-se mesmo antes de chegarmos ao destino, e paro num sinal vermelho.

Uma enchente de pessoas apressa-se à nossa frente, a maioria de cabeça baixa e algumas com auriculares que, suponho, lhes proporcionam algum descanso da cacofonia da cidade atarefada. Olho para as horas, certificando-me de que não estamos atrasados.

Um súbito ruído angustiado gela-me o sangue nas veias. É um gemido quase sufocado, vagamente inumano. Virando rapidamente a cabeça, deito um olhar ao banco de trás, alarmado.

O Sr. Black está sentado, quieto e calado, com os olhos negros como carvão e o rosto muito pálido. O seu olhar desliza pela passadeira, seguindo alguém. Olho na mesma direção, inquisitivamente.

Uma morena escultural afasta-se rapidamente de nós. Tem o cabelo curto e liso, à altura do maxilar bem desenhado. Não é, de forma alguma, a juba luxuriante de Lily. Mas, quando ela se vira para percorrer o passeio, penso que o rosto pode ser o dela.

A porta de trás abre-se violentamente. O taxista atrás de nós grita obscuridades pela janela aberta.

— *Lily!*

O facto de o meu empregador chegar ao ponto de gritar o nome da mulher atinge-me como um tiro. De repente, parece-me que fui mergulhado em água gelada. Os meus pulmões contraem-se com o choque.

O olhar dela lança-se sobre nós. Ela tropeça. Fica imóvel.

A semelhança é surreal. Arrepiante. Impossível de compreender.

O Sr. Black salta para fora do carro precisamente quando o sinal fica verde. A sua reação é instintiva, a minha é embotada pela confusão. Só sei que o meu empregador está fora de si e que eu estou encurralado atrás do volante de um *Range Rover*, enquanto a loucura da manhã de Nova Iorque alastra por todos os lados.

O rosto dela, já branco como porcelana, fica exangue. Leio o movimento dos seus lábios vermelhos e carnudos. *Kane*.

O seu reconhecimento chocado é íntimo e inequívoco.

Assim como o medo.

O Sr. Black deita um olhar ao trânsito, e depois corre por entre carros em movimento, numa explosão de poderosa vitalidade física. O coro de buzinas torna-se ensurdecador.

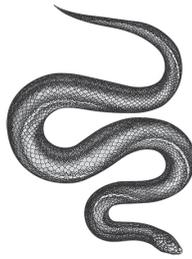
Os sons agressivos abalam-na visivelmente. Ela desata a correr, abrindo

caminho por entre a multidão no passeio, com o vestido cor de esmeralda a sobressair na turba como um farol.

O meu empregador, um homem que consegue tudo sem esforço, persegue-a. Uma limusina preta alcança-a primeiro, em excesso de velocidade.

Num minuto, Lily é um laivo de verde no cinzento perene da selva urbana. No minuto seguinte, é uma poça cor de pedra preciosa numa rua suja de Nova Iorque.

## 4



A M Y

Sorriso ao empregado, curvando lentamente os lábios.

— Bebo mais um Manhattan.

— Oh, meu Deus — geme Suzanne dramaticamente, esfregando as têmporas. Os seus caracóis negros, bem definidos e brilhantes, dançam com o movimento. — Não sei como consegues. Se eu bebesse álcool a esta hora, teria de dormir uma sesta.

Deito um olhar desejoso ao seu garfo de cocktail e imagino-me a enfiar-lho num olho. Recorro a palavras com o mesmo efeito.

— Como vai o livro?

Ela retrai-se e eu disfarço um sorriso. Vai começar a dizer disparates sobre criatividade orgânica e reabastecer o poço, e eu vou imaginar o seu belo rosto com um enorme buraco no lugar da órbita, e o vazio negro por trás dele, onde devia estar o cérebro.

— Sou uma grande fã — diz Erika Ferrari, efusivamente.

Estará a *brincar*, porra? Tive de me mexer rapidamente para conseguir falar com Erika e convidá-la para almoçar antes de Kane a arrastar da festa de ontem à noite para lhe enfiar a pila. Perceber que Erika aceitou o meu convite apenas para ter acesso a Suzanne deixa-me furiosa. Aquela vaca estúpida *usou-me!*

Erika inclina-se para a frente e beija o rabo de Suzanne, para enfatizar as suas palavras.

E, como que por magia, o nervosismo de Suzanne desaparece, substituído por um sorriso radioso. Tem uns lábios lindos, sensualmente

carnudos e naturalmente mais escuros no contorno e mais rosados no centro, como um contorno de lábios natural.

— Oh, obrigada! Fico tão feliz por apreciares o meu trabalho.

O meu olhar passa por mesas cheias até encontrar o bar, esperando ver a minha bebida a ser preparada. Mais um gole e estarei a olhar para o fundo de um copo vazio. Não consigo suportar um único minuto do Espetáculo de Apreciação Mútua de Suzanne e Erika sem álcool. Graças a Deus, tenho o dom de apagar futilidades da memória. Com um pouco de sorte, já terei esquecido este almoço à hora do jantar.

*Sabes de que precisas, Amy?*, disse-me uma vez a minha sogra, com a sua característica doçura fingida. *De cultura. Tenta arranjar amigos que possam elevar-te. Escritores, artistas, músicos... pessoas que possam ensinar-te alguma coisa.*

Como se eu não soubesse nada. Sim, andei numa escola pública e frequentei uma escola técnica durante dois anos antes de obter a licenciatura em Marketing. É verdade que não sabia que o copo de água devia estar à minha direita ou que os garfos eram colocados à esquerda. Mas nada disso me retira valor.

Aliyah acha que não sou suficientemente boa para o seu precioso Darius. Se, ao menos, soubesse que fodi os seus três filhos!

Portanto, Suzanne — cujo nome de batismo é apenas Susan — é a minha pitada de sofisticação literária. Escreve romances de cordel acerca de multimilionários que fodem como campeões e das mulheres que os domesticam. É a perfeita resposta de dedo do meio esticado à cabra da minha sogra.

É por causa de Aliyah — e de Kane — que estou a desperdiçar duas horas da minha vida com duas mulheres que não suporto. Erika e Suzanne estão, agora, a discutir as aventuras sexuais de personagens fictícios com o tipo de entusiasmo que eu reservo para a realidade. É óbvio que a Sra. Ferrari está, secretamente, a lembrar-se de como foi fodida até ao êxtase por Kane e a imaginar que viveu uma cena saída de um livro. Tenta ser discreta ao verificar o telemóvel, pois terá, sem dúvida, deixado o seu número de telefone antes de Witte a ter posto na rua com o seu aprumo tão britânico.

A forma como essa cena se terá desenrolado está gravada na minha mente. A pancada gentil na porta. O tabuleiro de prata perfeitamente polido, resplandecente com um elegante serviço de café e uma única rosa branca. Um robe de seda branca à espera numa casa de banho fornecida com

tudo o que uma mulher pode precisar para tentar disfarçar o inevitável caminho da vergonha. E, quando Erika voltou ao quarto, depois de tomar duche, terá encontrado as roupas que Kane lhe despira bem arrumadas sobre o banco de veludo branco e os seus sapatos descalçados à pressa junto aos pés da cama, já feita de lavado.

Witte é irreprensivelmente eficiente.

E Kane. Tão previsível. Assim que Erika apareceu, eu soube que ele a comeria. É parecida comigo e com a esposa morta. Ela não o sabe, mas constitui o último capítulo do estudo exaustivo a que chamo, afetuosamente, *As Mulheres que Kane Black Fodeu e Enganou*.

Até agora, uma semelhança superficial parece ser tudo o que Kane exige para comer uma mulher de todas as formas possíveis. É completamente louco. Suzanne tem de escrever um livro sobre ele. Na verdade, dar-lhe-ia o título do meu estudo para o seu próximo romance. Sei ser generosa quando não estou sentada ao lado de uma sósia minha que está radiante, de lábios inchados e olhos de sono.

Meu Deus, estou de mau humor.

Erika Ferrari. Aquele nome estúpido tem de ser falso.

Ela espreita para dentro da sua mala *Chanel*, onde o telemóvel se encontra virado para cima. Suzanne deita-me um olhar entendido pelo canto do olho.

Olho desesperadamente em volta do restaurante apinhado, procurando a minha bebida. A maioria dos homens é elegante. As mulheres têm belos penteados e conjuntos de alta-costura — mas são raras as que usam maquilhagem. Não consigo perceber porque pensam que isso é aceitável. Porquê darem-se ao trabalho de fazer um penteado elaborado se não perdem uns minutos para maquilhar o rosto? Nada é pior do que esforçar-se pouco.

— Como conhecestes o Darius? — pergunta-me Erika, tirando outro pãozinho do cesto.

— O Kane apresentou-nos.

Ela endireita-se ao ouvir o nome dele.

— E como conhecestes o Kane?

Deixo passar um segundo para causar mais efeito, e respondo:

— Eu ia a sair de um restaurante e ele deteve-me na rua. Pareço-me com a mulher dele. É o seu fetiche. Cabelo escuro e olhos verdes. Também gosta muito de batom vermelho.

O sorriso de Erika vacila um pouco.

— Bem, há homens que têm um tipo específico.

Leva, constrangida, a mão ao cabelo, que lhe cai em ondas escuras que lhe chegariam ao sutiã, se ela estivesse a usar um. Mas não está, nem precisa; tem o peito pequeno, como eu. E como a mulher de Kane, que o tinha bem preso e nunca o libertou.

Kane não gosta de ninguém. Se não estivermos mesmo à frente dele, já nos esqueceu. Se há alguém que vive no momento, é Kane. Já descartou o ontem, não quer saber do amanhã para nada e tem apenas o empenho necessário para chegar ao fim do dia de hoje. Mas está psicoticamente agarrado à recordação de Lily.

O que, para mim, não faz sentido nenhum.

Não é o tipo de homem que sofra voluntariamente, por isso tenho de acreditar que lembrar-se de que ela está morta lhe dá, de alguma forma, prazer. Ou que é uma artimanha para atrair mulheres, como um tipo giro com um cãozinho adorável. É doentio.

— Fizemos logo amizade — continuo, mantendo um tom leve. *Foi mais «fizemo-nos», ponto final. Toda a noite.* — Depois, encontrámo-nos algumas vezes — *eu persegui-o.* — Numa dessas vezes, o Darius estava com ele.

E o meu atual marido entrara diretamente na minha cama como substituto. A coisa devia ter ficado por aí, mas Aliyah certificou-se de que o seu filho do meio conseguia o que queria — pôr um anel no meu dedo. E que ela também conseguia o que queria — a minha empresa de gestão de redes sociais, a Social Creamery. Agora, arrepende-se de me ter na família. É o meu único conforto.

— Como era ela? — pergunta Erika. — A mulher dele.

— No mundo editorial, chamar-lhe-íamos uma Mary Sue<sup>2</sup> — diz Suzanne, com uma risada. — A Amy prefere chamar-lhe Mary Poppins.

O rosto de Erika revela confusão.

Deixo escapar uma gargalhada seca.

— Praticamente perfeita em todos os sentidos.

— Ah.

— Pelo menos, é no que as pessoas que a conheciam querem que acreditemos. Ninguém da família a conheceu, porque estavam afastados do Kane há anos. Os amigos dela dir-te-ão que ela era deslumbrante, inteligente, exuberante, uma anfitriã perfeita, maravilhosa em tudo, e por aí fora, blá, blá, blá... — digo, causticamente. — Toda a gente a adorava.

---

<sup>2</sup> As personagens *Mary Sue* são um protótipo de personagens geralmente demasiado perfeitas e que representam a personificação dos desejos e aspirações do autor da obra. (N. de T.)

— Ninguém gosta de dizer mal dos mortos — diz ela, afetadamente, com um olhar julgador.

— Romantizá-los não faz com que estejam menos mortos. E, estranhamente, o Kane nunca fala dela. Ou seja, nem sequer menciones o nome dela ao alcance dos seus ouvidos, porque ele torna-se glacial.

— Sim, bem... talvez esteja pronto para seguir em frente — diz ela, com um sorriso presunçoso que me dá vontade de a arrancar da cadeira pelo cabelo e dar-lhe um murro na boca. Reprimo o impulso de lhe mostrar as *selfies* que tirei com todas as mulheres que poderiam ser nossas sócias, só porque não quero que ela pense que sou doida.

Imito o seu sorriso emproado.

— Tenho a certeza de que é por isso que ele ainda usa a aliança. Não reparaste no padrão da louça de porcelana? Nos arranjos florais? Ela chamava-se Lily, e tudo o que ele possui tem representações de lírios.

Ela encolhe ligeiramente os ombros. Certo. Aqueles pormenores importantes escaparam-lhe. Não sei porque mais ninguém vê o que eu vejo. O mundo está cheio de pessoas distraídas e ignorantes. Quando mencionei a profusão de lírios nas coisas de Kane, Darius disse-me que eu estava a exagerar. *Tem um gosto feminino, e então?*

A presunção de Erika evapora-se. Quando acabarmos de almoçar, já não estará radiante. Sentir-se-á usada e muito menos especial. A sua autoconfiança sofrerá um rombo que perdurará por muito tempo, talvez para sempre. Detesto o facto de ela ter dormido com Kane, mas é bom saber que não sou a única suficientemente autodestrutiva para ceder ao seu charme.

Quando o empregado, bonito mas sobrecarregado, me traz a bebida, faço-lhe um sorriso genuíno. Dou um grande gole, fechando os olhos por um minuto para saborear o travo fresco do *bourbon* misturado com vermute doce. O aconchego quente do álcool que daí resulta atenua a minha crueldade e, de súbito, o sal das lágrimas faz-me arder os olhos.

Jesus. Afasto a tristeza com raiva.

É patético que tenha deixado uma noite com Kane Black definir a minha vida. O meu psicólogo diz que tenho problemas de abandono paterno que distorcem a minha tomada de decisões. Isso irrita-me ainda mais. Que tipo de mulher deixa que os homens a afetem desta maneira?

Kane nunca compreenderá nem reconhecerá qual é a sensação de se ser tirada da rua e levada para um apartamento de luxo por um homem com o aspeto e a atitude dele. Nessa única noite, comecei a sentir que poderia valer alguma coisa para alguém extraordinário, que todos os meus desejos

poderiam vir a tornar-se realidade. Seria a Sra. Kane Black. Viveria rodeada pela beleza dramática daquele último piso, acolhendo em minha casa, como convidadas, as mesmas pessoas que, um dia, me haviam feito rastejar para conseguir fazer negócios com elas. Certamente ele terá sentido a mesma fagulha que eu. Foi por isso que me escolheu e me encantou tão completamente que, daí a poucas horas, eu estava debaixo do seu corpo vigoroso.

Só mais de um ano depois é que Aliyah mostrou a Darius a fotografia que, recentemente, tirara em segredo do retrato de Lily, e que nenhum de nós vira até então, porque estava encafuado no quarto de Kane, e Witte arranjava sempre maneira de aparecer se alguém se aventurasse naquela parte da casa. Espreitei por cima do ombro de Darius enquanto ele olhava Lily e, num recanto distante da minha mente, os gritos começaram e nunca mais pararam.

Erika toca-me no braço, tentando atrair a minha atenção.

— Trabalhas com o Kane no edifício Crossfire?

Cai-me mal que ela não lhe chame Sr. Black. O que importa que o tenha fodido? Ele já a esqueceu. Não são amigos, nem nunca serão.

— A sede da Social Creamery é no Crossfire — respondo, passando a língua pelo lábio inferior para apanhar todas as gotas do meu último gole, sentindo a já familiar vaga de fúria ao mencionar a minha empresa. — Mas não tenho de lá ir todos os dias. Organizei-a de modo a funcionar como uma máquina.

Mais uma peça na engrenagem do crescente império da Baharan Pharmaceuticals.

Não posso falar da empresa que construí do nada sem que o ressentimento me cause um nó na garganta. A Social Creamery foi a minha independência, a minha prova de que conseguia fazer alguma coisa por mim mesma. Estudei exaustivamente as tendências das redes sociais, aperfeiçoei formas de explorar os pontos fortes e fracos das plataformas, reuni uma equipa de *influencers* capazes de promover e vender praticamente tudo, contratei redatores publicitários espirituosos e que sabiam escrever — o mundo está cheio de idiotas iletrados — e fui bater às portas com o meu charme natural para convencer as marcas a confiarem em mim.

Depois, Aliyah entrou em campo e sugeriu que incluíssemos a Social Creamery no grupo Baharan, para que fosse um negócio de família e eu tivesse acesso a mais recursos. Darius achou que seria maravilhoso trabalharmos lado a lado e, na altura, eu ainda não conhecia Aliyah suficientemente bem para desconfiar.

Assim que os documentos foram assinados, depressa ela começou a menosprezar-me e às minhas ideias e a questionar a minha ética profissional. Usurpou a lealdade do meu pessoal com presentes e bónus, a maior parte dos quais foi ideia minha, mas que assumiu como sua. Os meus potenciais aliados distanciaram-se para evitar retaliações da parte dela, até toda a empresa estar contra mim.

Suzanne e Erika encostam-se uma à outra, comentando, extasiadas, o vestido de uma mulher que passa pela nossa mesa a caminho da casa de banho. O vestido, muito justo e com um padrão abstrato, é interessante, mas ficaria muito melhor com uma cinta que lhe escondesse os bojos do corpo.

Bebo outro gole lento e profundo e ronrono de prazer. E de expetativa.

Um dia, em breve, toda a minha vida mudará. Recuperarei a Social Creamery e tudo o resto que a «minha família» me tirou, com juros. Entretanto, mais do que os votos que partilhamos e do que o anel que uso no dedo, a minha empresa liga-me a Darius, aos seus irmãos e a Aliyah. Nunca desistirei dela.

O toque de um telemóvel faz Erika precipitar-se para a mala com uma ânsia patética. A sua desilusão quando todas percebemos que é o meu telefone que está a tocar faz-me rir por dentro.

O meu bom humor dissipa-se quando vejo o nome de Aliyah no ecrã.

— Olá, mãe — cumprimento-a, sabendo o quanto ela detesta que a chame assim.

— Amy — responde ela, na voz surpreendentemente profunda e rouca que me apanha de surpresa tantas vezes. — Estava a tentar encontrar o seu marido, mas acabei de me lembrar de que dia é hoje.

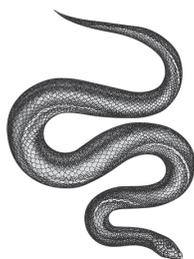
O lembrete nada subtil de que Darius está no seu encontro sexual das tardes de sexta-feira com a sua assistente arruína-me a disposição. A amargura reveste-me a língua.

Dói. Para o bem ou para o mal, Darius é *meu*. Até acho que me ama e que seria um homem melhor para mim se eu conseguisse parar de pensar em como Kane me fodeu como se fosse morrer se parasse. Mas não consigo, e o meu marido está, neste momento, a comer a sua assistente altamente eficiente. A linda loura que me traz sempre café exatamente como eu gosto e é tão simpática que me apetece bater-lhe com a mala até fazer sangue.

— Talvez eu possa ajudá-la? — pergunto, docemente.

— Não se preocupe com isso. Vou mandar-lhe uma mensagem. — A voz dela é suave como o mel sempre que abala o meu mundo. — A mulher do Kane regressou dos mortos.

## 5



### A L I Y A H

**E**studo o meu reflexo no espelho enquanto limpo cuidadosamente o *Rosana* cor-de-rosa-vivo dos lábios e o substituo por um *gloss* neutro. Recuando, avalio o resultado e aceno com a cabeça. Muito mais adequado às circunstâncias. Sorrio, imaginando a expressão no rosto de Amy quando desligo a chamada com ela. Se há alguma coisa certa na minha nora, é que às 17h00 já está sempre podre de bêbada. Se eu tiver conduzido bem a conversa, hoje estará inconsciente às 15h00.

Aquela rapariga é bonita, mas inútil. Tinha uma única competência, e esgotámo-la. E a sua fixação num dos meus filhos está a magoar o outro. Isso já basta para a querer fora das nossas vidas. Já não demorará muito. O que começou como um copo de vinho ao jantar transformou-se em dois. Depois, na garrafa inteira. E porque não acrescentar um pouco de uísque de manhã para começar o dia? Seguido de um cocktail com o almoço. Tudo muito fácil, na verdade. Ela queria mergulhar de cabeça no fundo de um copo. Eu só lhe dei um empurrãozinho para ajudar.

— Está pronta? — pergunta Darius, aparecendo por trás de mim. Vem de casaco vestido e tem as sobrancelhas espessas franzidas. A sua água-de-colónia é subtil e calmante, um aroma amadeirado que criei de propósito para ele. Fica-lhe bem. É tão sólido como uma sequoia, forte e estável. É, realmente, um orgulho para mim. Há demasiadas mães a criar filhos que não respeitam as mulheres.

Encaro-o.

— Fechaste os projetos à chave?

— Sim, claro. Onde pensa que estive?

O cabelo escuro cai-lhe estrategicamente por cima da testa. Tem um rosto forte e magro, parecido com o meu, mas o azul-pálido dos olhos é do pai. São um traço tão forte, aqueles olhos. Ramin e Rosana também os têm.

Ele franze o sobrolho.

— Já estão quase prontos. Podemos mandar os nossos comentários ao arquiteto hoje.

— E ele só os receberá na segunda-feira. — Aliso-lhe as lapelas.

Se a Amy soubesse que o marido passa as tardes de sexta-feira a trabalhar comigo no projeto das nossas instalações de investigação em Seattle... Em vez disso, pensa o pior do marido. Basta uma pequena insinuação para desencadear a sua paranoia.

Darius não é infiel como Paul, o meu primeiro marido. Eu suspeitava que o pai de Kane tinha um caso, mas não tinha provas. Optei por acreditar ser demasiado importante para ele para que alguma vez terminasse o casamento, não só como mãe do seu filho, mas também para a empresa que o ajudei a construir. A Baharan Pharmaceuticals era tudo para ele, o nosso trabalho conjunto de uma vida, e ele adorava Kane — ou assim pensava eu, até ao momento em que me foi dito que ele retirara todo o dinheiro que pudera da empresa e fugira para a América do Sul.

Endireito a gravata de Darius.

— Estou desiludida contigo.

— Porquê?

— Por estares tão relutante em apoiar o teu irmão num momento de crise pessoal.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Não posso e não vou fazê-lo, porque ele nunca faria o mesmo por mim.

— Darius. — O meu tom de voz afasta todos os indícios de enfado do seu rosto. — Não sabes se isso é verdade. E, se não queres fazê-lo por ele, fá-lo por mim. Isto também me aflige.

O olhar que me deita é cáustico, mas não me importo que me ache hipócrita. Fiz o que tinha de fazer para sobreviver. Por ter mudado depois da traição de Paul, tive melhores resultados no segundo casamento e ultrapassei o prazo estabelecido no acordo pré-nupcial, pelo que recebi o que me era devido. E não deixei de apoiar Kane até ele ser adulto.

De qualquer modo, não vale a pena frisar que Darius nunca teve uma crise, fosse de que tipo fosse, porque Kane o protegeu desde que reentrou

nas nossas vidas. Darius deve tanto ao irmão mais velho — a libertação dos empréstimos estudantis, a subsistência, e até a mulher.

Quando Kane me abordou, há seis anos, com a ideia de ressuscitar a Baharan Pharmaceuticals, pensei que poderíamos, finalmente, tornar-nos uma família. O meu segundo marido — que nunca tivera o mínimo interesse em criar o filho de outro homem — era, finalmente, uma carta fora do baralho e Kane aceitou o meu conselho de se certificar de que os irmãos fossem preparados para ocuparem posições-chave na empresa. Pensei que talvez os meus filhos fossem acabar por ficar todos juntos, mas só Rosana ficou feliz por se reencontrar com o irmão mais velho. Darius e Ramin entraram em conflito com Kane desde o início, ressentidos por a presença deles ser vista como uma obrigação.

Duvido que mesmo a destituição de Kane como diretor da empresa aplacasse o despeito que devora Darius, o qual não consegue deixar de sentir que a sua responsabilidade pelos irmãos mais novos foi usurpada. E a verdade é que, provavelmente, é melhor que os irmãos não sejam próximos. Se alguma vez formassem uma frente unida, isso poderia ser um problema.

— Só não percebo porque temos de ir a correr para lá — argumenta Darius. — Ele vai precisar de tempo para preparar a sua nova narrativa e a mulher está a receber tratamento para o seu problema, seja ele qual for. Estamos a adiar uma coisa importante por nada.

— Ah, sim? Achas mesmo que é «nada» o facto de o Kane ter dito a toda a gente que é viúvo quando, obviamente, não o é?

Embora, segundo consta, Lily parecesse quase morta na rua e ainda possa morrer. Segundo o relato de Witte, que telefonou enquanto ela estava a ser metida na ambulância, o condutor que a atropelou não travou e fugiu do local. Não digo a Darius que algo na voz de Witte me causou arrepios, como se alguém tivesse passado por cima da minha sepultura.

— Está espantada por o Kane mentir? — troça o meu filho. — Vá lá. E não digo que a mulher dele não seja uma preocupação. Digo apenas que não é uma preocupação *neste preciso momento*. O Kane tem-se dado muito bem sem nós na sua vida nos últimos anos. Pode lidar com as suas próprias tretas. O problema não é meu.

Ele diz isto porque não sabe muito sobre o passado. Estava no último ano do liceu, e na escola, quando a polícia de Greenwich veio à nossa casa em Saddle River perguntar pelo meu filho mais velho, que eu não via e com quem não falava há anos.

Os detetives disseram que as suas perguntas sobre o carácter e

temperamento de Kane eram apenas «rotina». Talvez fossem. Quando rapidamente se tornou óbvio que eu sabia muito pouco da vida adulta do meu filho — nem sequer sabia que ele mudara oficialmente o apelido —, perguntaram-me porque tínhamos perdido o contacto, e eu disse-lhes a verdade: que ele não se dava com o meu marido, o seu padrasto. Olharam um para o outro, agradeceram-me pelo meu tempo e partiram.

Ainda hoje não sei se a visita deles teve alguma coisa a ver com a sua mulher. Na altura em que me interrogaram, nem sequer sabia que era casado. E nunca falei disto a ninguém, nem mesmo a Kane, que apareceu à minha porta poucos dias depois para falar da reconstrução da Baharan.

Na melhor das hipóteses, temos uma relação ténue, e não vou arriscar uma cisão que possa pôr em perigo a minha posição na Baharan, justamente agora que a recuperei.

— Claro que o problema é teu — insisto. — É um problema de todos nós. O que a trouxe de volta *agora*? O que fez ela durante todos estes anos?

— Não sei dizer-lhe porque voltou. Aquele artigo estúpido do Homem Mais *Sexy* Vivo está por todo o lado. O Kane está quase a ganhar mais com ele do que o Dwayne Johnson! Portanto, ela vê a notícia, pensa que ele é uma aposta melhor agora que está rico e volta para casa. Não sou idiota, mãe. Só não me parece que ela seja uma ameaça, a menos que, e até que, sobreviva e cause problemas.

Certifiquei-me de que a Social Creamery fazia a inclusão de Kane no artigo da revista relativo aos homens *sexy* tornar-se viral, porque a celebridade equivale a riqueza. Irritou-me não ter previsto que antigos amigos e amantes — já para não falar em esposas supostamente mortas — emergissem das sombras para se aproveitarem do seu êxito. Mas como poderia eu ter previsto uma coisa destas?

Nem sequer sei o nome de solteira dela. Nunca houve um serviço fúnebre depois da sua morte — ou seja, *suposta* morte. Ou, ao menos, nada para que eu tivesse sido convidada ou de que tivesse visto um anúncio. E Kane recusa-se a falar dela. Ficava furioso sempre que eu abordava o assunto do seu casamento, mesmo que vagamente, por isso deixei de o fazer. E, afinal, uma namorada da universidade que eu nunca conhecera não tinha nada a ver comigo.

— Acho que ela o deixou — continua Darius — e que ele tem mentido a toda a gente durante todo este tempo para salvar a face.

— Isso seria um pouco extremo, não te parece?

— O apartamento também é extremo! E contratar o Witte, por amor de Deus. O Kane é ridículo em muitas coisas. Está a preocupar-se por nada.

A fúria gela-me o sangue. Não aceitarei condescendência da parte dele, nem permitirei que as minhas ideias e sentimentos sejam marginalizados. Ignorei os meus instintos com Paul e aprendi uma dura lição, que nunca esquecerei.

— Vê como falas, Darius. Estou a ser cautelosa, não histérica. Proteger a Baharan e esta família é importante para mim, e não pedirei desculpa por isso.

— Por essa ordem — murmura ele.

— Não te esqueças da cláusula de moralidade no nosso contrato da ECRA+ com a Cross Industries. Se nos virmos envolvidos num escândalo — e uma morte falsa na família é, obviamente, escandalosa —, isso será ruinoso. Não podemos dar-nos ao luxo de perder o que investimos, e muito menos de pagar a indemnização que o Gideon Cross possa pedir.

Por razões pessoais, Cross não esqueceu o desfalque de Paul, embora tenha evitado mencioná-lo diretamente. O seu pai, Geoffrey Cross, é conhecido por ter encabeçado um esquema Ponzi onde os investidores perderam milhares de milhões. Agora, quando alguém pensa no nome Cross, é em Gideon que pensa primeiro, e ele não permitirá que nada — nem ninguém — manche a imagem de êxito que tanto trabalhou para construir.

Darius franze o sobrolho e vejo pela expressão nos seus olhos que está a calcular as possíveis repercussões.

— Não vamos precipitar-nos. Tudo está a correr de acordo com o planeado. A Rosana é o rosto da nova linha de cosméticos e a Eva Cross está decidida a provar ao marido que pode liderar uma colaboração bem-sucedida com a dimensão da ECRA+ Cosmeceuticals. Se a Rosie continuar a portar-se bem, a Eva garantirá que tudo avança. Só precisamos de uma história relativamente plausível para cobrir a situação conjugal do Kane, por isso havemos de inventar uma.

— Bem, estás muito confiante, considerando que não sabes nada sobre a Lily nem sobre o que aconteceu entre ela e o Kane no passado.

— A mãe age como se o problema fosse ela, mas, tanto quanto sabemos, é com o Kane que temos de nos preocupar.

Atiro-lhe um olhar.

— De qualquer maneira, vamos ao hospital, não vamos? — ele sorri.  
— Não tardaremos a saber.

Não pede desculpa por ter começado por não querer lá ir e eu não o faço notar. Também não me esquecerei.

Nenhum dos meus filhos saberá alguma vez o que passei para reaver as

patentes químicas de Paul das mãos do sócio que ele levou à falência e, por causa dessa ignorância, nunca compreenderão o que a Baharan significa para mim. Um dia, talvez conte à Rosana. Ela terá de estar preparada para o que significa ser mulher neste mundo, para a nossa vulnerabilidade, para a facilidade com que caímos nas garras de homens predadores.

Não sei o que o meu filho mais velho pode ou não ter feito. Afinal, Kane é um homem, nada lhe está vedado. Mas não cometerei o mesmo erro que cometi com Paul. Não vou ficar na miséria. A Baharan continuará e já ganhei sobejamente o direito de ser eu própria a geri-la.

— Pode haver um lado bom — diz ele. — Parece que o acidente foi grave, não foi? O Kane vai tirar a semana de folga, algo que nunca tinha feito. Talvez ele se afaste durante mais tempo e nos dê a oportunidade de convenceremos o conselho de administração de que uma nova instalação em Seattle é uma ótima ideia.

Depois, asseguraremos que o empreiteiro com a proposta vencedora será aquele em que investimos fortemente. Inserimos elementos desnecessários suficientes no projeto para podermos baixar mais a proposta do que qualquer outro. Com o lucro da construção, poderei adquirir mais ações, e, quando todos perceberem o que as instalações trazem para a mesa, lembrar-se-ão de que Kane foi demasiado cauteloso.

Contorno Darius e dirijo-me para onde a minha mala está pousada numa consola de meados do século xx — a minha peça de mobiliário preferida do meu gabinete, que combina tão bem com o quadro de Jasper Johns pendurado acima dela. Componho o cabelo e verifico a parte de trás dos brincos, criando uma aparência descontraída. A caminhada é longa, pois tenho o maior gabinete da Baharan. Tenho também uma vista impressionante da Midtown, a partir das duas paredes de vidro que revestem o meu gabinete de canto.

— Se é *realmente* grave, talvez ela morra — sugere Darius. — E ter-se-á preocupado por nada.

Prendo a mala por baixo do braço, vislumbrando o reflexo das minhas calças brancas direitas e do meu *top* de seda dourada no espelho. Um difusor de óleos essenciais perfuma o ar com uma fragrância de azáleas.

— A sério, mãe. Não se aflija com isto. Ninguém mantém o Kane interessado muito tempo. — Darius está de pé junto à porta fechada, uma figura alta e morena contra o lustroso painel de nogueira. — Ele gosta de caçar. Se, desta vez, ela ficar tempo suficiente, ele vai fartar-se e pagar-lhe para desaparecer.

*O amor e a beleza desvanecem-se. Os votos são inúteis. O sangue é vida.*  
Os meus filhos ainda são jovens, mas acabarão por aprender estas lições.

Darius abre a porta quando me aproximo.

Paro na soleira e toco-lhe no antebraço.

— Manda outra mensagem ao Ramin, para termos a certeza de que ele vai lá ter connosco.

— Vou telefonar-lhe. — Darius pega no telemóvel.

Deixo cair a mão ao longo do corpo e saio pela porta em grandes passadas, de cabeça erguida.